

ASSIGNATURAS PAGAS ADIANTADAS

Yndia...	25000
Sociedade...	45000
Anua...	80000

ORGÃO DOS INTERESSES DA SOCIEDADE MODERNA

El jou non sans peccati... (S. Paulo, Imprensa Cap. V. G. D., ad. Kollmer.)

Propriedade de uma associação.

Maranhão, 10 de Setembro de 1881

O PENSADOR.

MARANHÃO, 10 DE SETEMBRO DE 1881.

O Pensador completa hoje um anno de existencia. Ha um anno que elle apresentou-se no vasto campo da imprensa...

Logo ao seu apparecimento, os novellos trataram de fazer crer que O Pensador não viveria. Um jornal, diziam elles, redigido por alguns rapazes luxurpientes e sem noção de fortuna não se pode jamais sustentar.

Mas o publico que sabe recompensar os nobres esforços, protegento. Deu-lhe o seu estimavel apoio. Recebeo-o com a benevolencia que carece. Reconheceu nelle o defensor dos seus direitos. Viu que elle defendia a mais santa de todas as causas. Sentiu que o model que nos levava a crear e sustentar O Pensador, era nobre, era digno, era elevado.

E O Pensador, com o apoio do publico, viveo gloriosamente um anno inteiro. Foi de victoria em victoria, durante esse lapso de tempo.

O publico maranhense que recebe os seus sinceros agradecimentos. Que accete as votas de eterno reconhecimento do inda, mas leal filio do povo.

Accedea e continue a dispensar ao Pensador o seu valioso auxilio. Continue a conceder-lhe um lugar no jornalão da provincia.

E só o que ajuiza.

E ainda haverá quem pida em duvida os serviços prestados pelo Pensador? Alguem desconfiavel os-dá?

Não, de certo. Elles não estão palpitantes. São factos contemporaneos que não podem escapar ao meos perspicaz observador.

Vejamus. Reintegrados um pouco. Parliamo da epoca, em que a necessidade de elle apparecer. Estudemos essa necessidade. Indaguemos o que elle ha feito.

Movia-se nesta provincia terrivel propaganda jesuitica. De todos os lados procuravam padres caprichosos e indigenes lançar a semente no lar domestico, implantando alli o fanatismo. Creavam-se sociedades secretas. Estabeleceram-se man serie não interrompida de sermões, festas lateraes no templo, tudo enfim, para tomar as mentes das famílias alagoas de seu proprio macho, fides e unidos. Tudo annunciava a proxima peste que ameaçava desambar a provincia—o preludio clerical.

E todos reconheceram a necessidade de reação. Todos viram que era indispensavel oppor uma barreira, um dique á terrivel onda, que nos ameaçava submergir. O perigo estava eminente, era preciso conjuralo.

Ninguém porém, se queria apresentar

frete a frete com o exercito inimigo. Todos conheciam a tactica traizão a dos jesuitas. E todos temiam ser victimas.

E nos apresentamos nós. Apresentamos-nos, porque nada temiamos. Tinhamos consciencia de nós. Eramos jovens. Nada tinhamos que nos lançassem em risco, para nos fazer corar.

E nós começamos a guerra, que tem sido frençada; mas tem demonstrado maneira incontestavel a justiça da causa que defendemos. Tem feito que todas os nossos golpes certos foram de uma maneira cruel os nossos deslizes adversarios. Tem feito que todos os seus planos tentados abortem e o publico cada vez mais os combrega.

Historiemos os factos. Vejamus quoes os benefices que O Pensador tem trazido para a sociedade maranhense. Depois estudaremos quoes os planos dos nossos adversarios que tem abortido.

Começamos então a nosso trabalho—ambio, mas proveitoso,—difficil, mas proficuo. E a luta começou. Nada nos defluiu.

Estudamos o padre por todos os lados, por todas as freas. Analysamos os principios que defendem, a causa de que são soçados. Desfilramos-o. Procuramos enlucido-o internamente.

Pomos altamente censurados, porque procuramos estudar o padre interiormente, porque mostramos ao publico em toda a sua hediondez. Os que nolo censuravam, não tinham razão, porém. O homem que comprisa o livro, que estuda a sciencia não acceda a theoria pregada pelo padre. Repetem-se in unum. Temem como animal danado. Não é a esse que nos dirigimos. Elle tem já a sua idea formada. Nos nos queremos haver a com o ignorante. E elle que reclama os nossos combates, porque não tem tempo para illuminar seu espirito, porque os serviços mammas, em que se emprega, para manter e a sua familia, não o deixa entregarse aos trabalhos intellectuaes.

A este, pois, é que nos dirigimos. A este é que queremos mostrar o perigo que corre entregando sua vida e sua bolsa a homens sem a minima noção do bem a homens que só vivem para degradado da sua especie.

Profligamos os abusos do bispo diocesano. Constatamos os escandalos de padres estapados e sem vergonha. Espectamos, porém, o clero digno e moralisado. Quando se tratou de despir o illustre Sr. conego Bráximo da Purificação dos Santos Leões, das cargos que exercia, para dalo a esse jesuita traizão e atribulário que por desgraça nossa foi lançado nas nossas plagas, gritamos e gritamos lemos a alto.

Reclamamos contra o facto illegal de estar o padre Raimundo Alves da Fonseca exercendo simultaneamente os cargos

de lente publico,—logar vitalicio,—e empello do exercito, quando terminante disposição o prohibia. A nossa reclamação que, com todas, era justa, foi attendida. Acaba o governo de determinar ao militar desrespeitador da lei que peça demissão de um dos dons cargos.

Denunciamos o facto criminoso de zampar o bispo diocesano attribuições que lhe não competiam. Ainda desta vez, fomos attendidos. O governo providenciou a respeito.

Tratemos agora dos planos dos nossos adversarios. Vejamus como todos elles têm abortido.

Fustigados por nos, nada tendo que responder-nos ellas, os covardes! mandam que um padre tolo e ignorante se fugi humilhado por nós e nos chaue a responsabilidade. Apresentamos-nos. Não nos quizeram. Correu o processo contra o nosso digno impressor. E quando o tribunal superior tinha que dar o seu veredicto, elles fogem covardemente, deixando-nos o campo.

Miseraveis!

Abortára o seu primeiro plano.

Desconcertados, completamente desorientados, lançam mão de outro meio. Recorrem á calumnia. Mas, como não tem a coragem precisa para responder pelas seus actos, nemam buscar em toda de ferro no Mirador! Mas, felizmente o pobre homem, cuja boa fé se illiquida, serviu-se de um vicio que elle tem, avisado em tempo, declara nada ter que ver com as mizerias de alguns padres e que, portanto, não é e nem pode ser responsavel pelas seus escriptos.

Fôra mais um plano nefando que abortira.

Vejamus si não lançarão mão de outro meio mais indigno.

Esperemos.

Miseraveis!

Partida.

Seguo para a Corte no ultimo paquete o nosso sympathico e talentoso chronicista Aluizio Azevedo, um dos mais incausáveis trabalhadores da idea grandiosa do progresso.

A verve fãa e aguçada d'Aluizio Azevedo foi, durante o anno que hoje finda, o terror dos padres de Santo Antonio, que aguardavam cheios de estremecimentos nervosos os dias marcados para a saída d'O Pensador.

Os serviços d'Aluizio são de um valor incalculavel e o vazio que deixa n'O Pensador difficil de preencher.

A raiva hydrophobica com que os vampiros do papulo o atacavam prova, de um modo claro e terminante, quão certos eram os dardos d'Aluizio no dorso já insensivel d'esses bandidos vazios de moral e de dignidade.

A partida d'Aluizio é pois um facto ge-

ralmente sentido, que deixa no coração dos compandeiros profunda magoa.

Doces anras o conduzam e propicia lha seja a sorte—são os votos que fazemos.

A expulsão dos jesuitas da república de Nicaragua.

Pela bolla Regimini militantes Ecclesie de 27 de Setembro de 1540, Paulo III approvou os estatutos da ordem denominada Sociedade de Jesus.

Nesse tempo, o christianismo triumphava do islamismo, mas a divida philosophica penetrava ao mesmo tempo na Europa e a reforma introduzida-se no norte, abalando o throno do successo de S. Pedro.

As ordens religiosas, geradas no seu dos seculos devotas da idade media, tinham completado a sua missão, e apenas vivião matriate-sulido dos claustros, entregues a inercia.

Ao papado abalado pela renascença era necessario o apoio d'uma ordem religiosa que substituisse o inelucto homem do claustro pela pretoriana sacerdotie, que com os olhos sempre voltados para o cbo gela-do do mysticismo catholico, conservasse o coração nas grandezas da terra, sendo ao mesmo tempo dedicado e refalsado, piadoso e hypocrita, bom e mau, pobre e rico, exercendo as virtudes as mais austeras, como praticando os crimes mais abominavris; emfim o homem do ren e da terra.

Esta ordem, que preside as agencias do catholici-mo asfixiado pelas progressos das sciencias, tem uma hierarchia composta de um geral que tem uma autoridade absoluta sobre todos os membros da ordem; de cinco conselheiros que compo o conselho geral, e dirigem todos os negocios da ordem nos cinco principaes estados, theatros dos seus trabalhos; a Itália, a Alemanha, a França, a Espanha e Portugal. Estes chefes, chamados provinciaes, escolhem com approvação do geral os superiores dos conventos monachicos; os reitores dos collegios, e os demais officios inferiores do serviço.

Um jesuita faz voto de pobreza, de castidade e de obediencia cega, mas a ordem pode passar avultadas riquezas.

São cinco as classes dos milicinos de Jesus, sendo a primeira a dos navigos; segunda a dos escoltaes approvados, na qual se ligão por votos secretos; terceira a dos professores que pregão as missões, que são directores espiritaes dos principes, enfim são jesuitas perfectos; quarta a dos coadjutores espiritaes, e finalmente a dos coadjutores temporarios, composta de leigos, e dividida em duas classes; primeira a dos honras do seculo que juram servir a ordem, occupando os mais humildes lugares, como os de criados &c, e a segunda a dos filios dos secretos cuidadosamente escolhidos em todas as classes sacras, e que se designam na sociedade pelo nome de jesuitas de camera.

Esta ordem religiosa assim organizada, em vez de occultar no fundo dos claustros inuteis actividades, lançou-se no meio da sociedade para governa-la. As foram instruidor, mas hoje o progresso trata de varrer da sua caminha esse trabalho, hoje ignorante, fanatico, portubador da ordem publica, e

que ainda sonha com a volta do pontificado de Gregório VII, como os salones ainda esperam a vinda do D. Sebastião.

Esta ordem, que reduziu o entusiasmo e o fanatismo em principio, e que parece desmentir por uma conducta regular os principios inmorales de que são justamente accusados, estabeleceu o axioma iniquo de—*Gloria ad majorem Dei gloriam* (tudo pela gloria de Deus) invertido no preceito de que as *finis justificam os meios*.

Estudados nestes preceitos, os jesuitas renoveram todos os abarçulos que se oppoem ao seu insaciavel desejo de mando pelo emprego de todos os meios reprovados, confiante que consigam dominar os homens pela abedição da razão, e tornando a mulher um cadaver nas mãos desses herdeiros de Satan.

Nenhuma creação social tem soffrido tantas reversões nem desenvolvido tamanha energia na sua missão, como a companhia de Jesus.

Ora, soffrido justo prisão pelo attentado de Chatelet, fervoroso discipulo da ordem, e o padre Guignard, convencido de propagar escriptas sediciosas foi enforcado; o padre Guenet expulso de França, e successivamente de todos os paizes da Europa, e possessões Americanas; ora erão recebidos em tolerancia em alguns estados, mas sempre re-nascendo como as rubeças da hydra ao meio da anarchia social, causada pela transição porque passavam os povos occidentaes, da fé cega, à sciencia esclarecida.

Mesmo nos nossos dias a companhia de Jesus assista-se amparada para a ordem publica.

Vendo que o nome de Jesuita era por demais odiado, trocou o pelo de *Lazarista*, depois pelo de *Coração de Jesus*, sempre dissimulando as paixões mandadas debaixo da capa da piedade evangelica.

O retrgrado pontificado de Pio IX veio vida e animação à seita que envia todos os esforços para dominar a sociedade pelo fanatismo; quando, por toda a parte, as sciencias, as artes e o industrialismo cada dia desmencuram uma parte do velho edificio do governo temporal dos papas. E o que é mais doloroso é vermos alguns dos nossos bispos perturbando a paz publica, nesta jovem America, com a zuchonica pretensão de estabelecerem, no nosso paiz, uma seita já morta, pela inutilidade da sua missão.

Mas, honra ao clero catolico que não pretende trocar as verdades do Evangelho, pelas intrigas politico-religiosas dos discipulos de Loyola!

Entre estes illustres apóstolos da verdade distingue-se o venerando bispo de Nicaragua, que ultimamente expulso a temerosa seita da sua diocese.

Enquanto assim flecece o virtuoso prelado da Centro-America, a que faz, o que pretende o arcebispo creduo D. Antonio?

S. Ryan, quer a religião do Christo ou o culto idolatra de Roma?—Ou o Sr. bispo não sabe distinguir uma da outra, estas religiões?

Em vez do Evangelho vemos em Santo Antonio os Pagés de hstina pregarem uma litteratura soffida, que apenas exalta o mysticismo sem instruir o povo!

Enquanto o nosso bispo limitar a sua missão ás praticas absurdas das confissões hebdomadarias, e das rezas estultas do coração de Jesus, ha-de soffrer decepções, e afinal ficará divorciado do seu rebanho!

Mas, si pretende que a sua pregação sobre a terra não seja inutil, pregue o Evangelho, pratique a caridade, e as demais virtudes ensinando pelo divino Mestre.

A divisa moderna é a ordem e o progresso, de que são acerrimos inimigos os jesuitas esses herdeiros das maldades do coraçào.

Não ha meio termo; ou seguis a doutrina de Christo, ou a de Loyola.

O Christo ensina a amar ao proximo como a si mesmo; a perdoar as injurias; a uni-

endo a poeira das sandalins na porta do que vos não quizem ouvir.

O jesuita diz:—*Sua ut erat, aut non erat* (que seja como são, ou que não existão)

Escolhei; a lei é tremenda!—Seréis esmagado, e com vossa a vossa igreja se perdissestes em tribar o espirito em caminho do obscurantismo.

O nosso século e o das luzes, isto é, o das artes, sciencias e industrias, dando-se os meios para a conquista das direitos do homem, da liberdade de consciencia, da fraternisação dos povos, que esmagará, como o carro de Juggator o baloão, quem ostar segurar suas tardas.

A sociedade moderna procura a felicidade na terra, e não o céu mystico dos vossos sabios.

Segundo triumpho.

No curto periodo de um anno de existencia vio O PENSADOR terminadas, de um modo honroso para si, duas das principaes questões por elle trazidas à discussão.

Maior triumpho era impossivel obter-se, especialmente se se reflectir que suas soluções foram consequencias de actos emanados do Governo do paiz.

Imaginem se é possivel a sandia d'esses indigues adversarios, tão deslezes quando facinhos ante a energica attitude do Governo Imperial que, surdo às arfanmanias jesuiticas, escoutou a voz potente d'O PENSADOR pedindo o cumprimento da lei, calçada aos pés pelos lacaios da curia romana.

O seu despeito e furor seriam enoemes se por ventura tivessem um *vestido de ferro*, que respondesse perante os tribunales pelas calumnias e injurias com que costumam pejar esse *pasquino* inamado, que se diz órgão das interesses catholicos.

Mas felizmente nem esse recurso dos cobardes lhes é permitido, porque os proprios infelizes, que por effeito dos vicios costumam prestar-se a esses papeis degradantes, logo que recuperam a razão, momentaneamente perturbada, fogem espavoridos ao contacto tedioso desses sclerados, demolidores da propria religião.

E nos somos os pasquinhos! E nós somos os maltrapilhos da imprensa!

Entretanto nossos *amigos* adversarios são compelidos a respeitar a lei ao simples grito d'alerta, dado pelo PENSADOR.

Minda não ha muito tempo que o Governo Imperial mandou responsabilisar a bispo denunciado por nós de fabricar coelhos a seu falande; e agora ordenou ao padre Rainaldo Mves da Fonseca que para demissão do cargo de capelão do exercito que exercia illegalmente ha já bastante tempo.

Este unico facto seria bastante para compensar os esforços d'O PENSADOR no curto periodo de sua existencia, pois constitua por assim dizer um dos seus maiores empenhos.

Esse padre, obrigado a respeitar a lei do paiz de que recebe pingues ordenados, ostentava, segundo é publico e notorio, desprezo pelas nossas instituições e considerava-se superior ao governo a cujo serviço estava.

Foi uma severa lição que ha-de forçosamente produzir beneficos resultados.

mas isto ainda não é tudo. Nossas aspirações visam muito mais alto.

Ha-vemos de reduzir esse jesuita, in-

migo declarado da mocidade, às justas proporções de sua estreita solaina.

Hoje o o posto de capelão que lhe arremancamos, escudado no prestigio da lei, Amanhã serão as metias encarnadas do que usa por um titulo puramente carnavalesco.

E mais tarde bair-o-hemos do Lyceu, esse alubo dos trabalhadores do futuro, onde a sua estada é um insulto cuspido à face da sciencia moderna pela carnecho-sa philosophia de S. Thomaz d'Alfimo.

Custa realmente a crer que no Maranhão se nomeasse para semelhante lugar um padre que faz ostentação de suas ideias retrgradas e que foi duas vezes reprovado, se não nos falla a memoria, pelo illustrado Dr. Juffreit, de saudosa memoria, n'essa sciencia em que se incute a habilidade.

Mas nem todos os tempos são iguaes e o progresso que não tem engrenagem nas suas rodas ha-de envolver esse jesuita que a sua epocha passou.

COLLABORAÇÃO

Sentido em effe!

Detestamos o padre. Esse ente é para nós uma coisa inutil. Ministro d'uma religião, que se baseia no SULLARES, o padre é o mais perigoso dos seres, porque é inimigo de toda e qualquer liberdade.

Com tudo, ha nesta diocese alguns padres que, como homens particulares, merecem as nossas sympathias. São aquelles que não deshonram as suas vestes na pratica do crime e do vicio, que sabem portar-se na sociedade com um certo o devido respeito. Mas ha outros que abominamos, que nos inspiram repugnancia e que todos os dias commettem quantos sorte de maldadicias ha neste mundo.

Neste caso estão os ultramontanos do Santo Antonio, homens sem lrio, vastos de dignidade, perversos, maus, sem moral, sem honra, especuladores que fazem da religião um meio de vida, o um divertimento agradável, em que tomam parte activa a—mulher,—e muitos outros santos de roupa que andão ali pelas ruas.

Neste ultimo numero occupa lugar proeminente o padre João Barbosa.

No PENSADOR de 30 do passado escrevemos algumas verdades sobre esse burludo. Elle ao lê-las, deixou a cabeça, quasi despidi de cabellos, prender sobre o jornal. . . . Não contando que as suas devassidades inimas fossem um dia publicadas, sentindo-se assim tollido na estrada que trilhava, elle, surpreendido, indignado, exclama:—quem diria! quem diria! E se o sr. bispo me chamar a ordem o que ha de eu dizer?! Ah! já sei! Diz-lhe-lhe que elle, que occupa uma posição tão elevada, tem sido victima da liria dos pensadores, quanto mais eu, que sou um simples sacerdote!

E o seu rosto illuminou-se d'uma alegria diabolica. E nas seus labios parou um sorriso negro.

Estava satisfeito. Já sabia illudir o bispo. Podia continuar na sua vida de libertino sagrado.

Estas enganando, devassa. Aqui estavam sempre promptos para denunciarem-le.

Frei Satan.

quando e malagrento socio Frei Mudo, chegou no ultimo vapor, enviada a todos os seus amigos e devotos d'aquelle glorioso martyr para ouvir uma missa *de-votissima* na Igreja de Santo Antonio, onde se achará reunido todo o beaterio regular e secular—*ad majorem Dei gloriam*.

Ovação d'encomenda.

Alguns dos nossos jurnes, noticiando o regresso do bispo de Caym, disseram que o Ryan, fóra alli recebido por mais de 2,000 pessoas, capitaneadas pelo barbadinho Resclão. Esta noticia aqui não produz effeito algum, porque todos coherem que o bispo é geralmente antipathico e sobem do fanatismo do povo ignorante do interior, que se deixa facilmente explorar por essa curja de tralhaboçs, ladrões como qualquer *lazzaroni* e fidiuimosos como bodes.

Por isso não admira que o barbadinho arrebatasse a parte ignorante e fanatica da população da vila para fazer zambais ao bispo, como antes fizera carregar pedras e barro para o Comterio. Mas se aqui essa noticia não vale, pode todavia, devidamente explorada pelo *Pasquino clerical*, produzir effeito la fora, onde um Antonio M. dos Reis, vilissimo fenoio do papa, é pago para inquirir moços e tirar toda o partido passivel d'essas especulações da supos barbadinhos e outros semelhantes.

Para se avaliar os tal ovação de Caym, basta dizer-se que o povo não dançou, nem deo expansão a despois *pasquinhos* durante a estada do bispo, porque o patife de frade assim o havia determinado. Ora um povo que se deixa assim fanatizar e capaz de fazer *orações*, embora mesmo uns entrariam as outras.

E o bispo D. Antonio, se fosse um homem de tinco, longe de aceitar manifestações promovidas por *Lazzaronis barbadinhos*, devia ser o primeiro a prohibi-las, para que em razão, e não dissesse que lo S. Ryan, quem encomendou semelhante patucada.

E quando uma autoridade, para reparar o perdido prestigio, recorre a esses moços, já tão baixamente explorados, de ho fazereis *orações* à sua propria custa, atola-se n'um humedal de ridiculo, d'onde jamais sahirá.

Felizmente porém o povo culpa nenhuma tem d'isto, e sim o governo, que consente criminosamente que o interior do Paiz seja invadido pela curja italiana, que deixo muitas vezes a grilhoia para tomar a salina e o roçario, roubando em nome da religião a ultima palha que o pobre tem de dignidade d'abertura.

Compa o governo o seu dever, evitando do Brazil esses *Lazzaronis de lural*, que o fanatismo do interior se acabará.

Frei Atlapô.

VARIEDADE

Ao alto ! ..

Amigos leitores:

Julgavamos tão cedo não aborrecer-vos com os nossos escriptos, porque eslavamos com as cousas mal paradas. Por um triz fomos dar com as cestas na cadeia, comendo aquella feijoadá marrasca e tragando aquelle outro pião de trinta e um annos passados.

E tudo isso porque? Por termos, á moda dos caçadores, invadido o corredor de um tal seu Puzeza e, depois de termos bispado boas cousinhas, fomos ao *Pesada* e botamos os pedres do homem na rua! Vai então, pega não pega, seu Puzeza acion um incensavel protector na pessoa do Sr. Tudo, que empier-

guinho do alto da imprensa disse com o maior entusiasmo:—Ea hei-de tirar-lhe a mascara.

Mascara tinha... Esta nos servirá de emenda. Juramos pelas proprias proezas de seu Pureza, que jamais imputar-nos-hemos com o, que elle fizer—de bem ou de mal.

Pode portanto o caro velhote, doado de furor orphologico, como é, seguir o caminho tragoado pelo Mourão, que ficamos nundo e quido.

Entregamos a tarefa de punir a sua respeitavel cara-motada, que segundo sabemos e cá para nós, que ninguém nos unca—tem-lhe applicado umas boas fricções de pão de vassoura! Contudo julgamos, que nos intervalos de semelhantes lavagens, para divertir o respeitavel publico seu Pureza continua a pintar o bode orphologicamente fallando. Dirá elle consigo:—em quanto o pão vai e vem folgão as costas...

Que o bode do velho pinte o bode, pouco se nos dá. Queremos apenas, que elle seja mais comedido, verba-gratia: quando quizer dar expansão á sua libertinagem, faça-o fora de casa, para não ficar com o lar assim abandonado e não ter depois de gritar com ares de offendido:—Aqui d'El Rei! Quem me acode! Estou com os arcãos penetrados!

Porque, em rezultado, o respeitavel, que não é hecico, conhece que tudo isso—artigos e palavras—nada vallo; é feito para ingez vor.

Ah! Nós, quando nos pegamos com o Pureza é uma desgraça.

Vamos a isso meus senhores? Deixemos seu Pureza reflectir em sua infamia; a menina chorar a sua deshonra e vamos nós tomar um peneo de chá do garfo com a gentinha, lá de Santo Antonio.

Ea um dia, que não precisamos ao certo, tivemos de comparecer ante a respeitavel presença do imponente D. Touco. Dotado de coragem, como somos, subimos os degraus do paterice do Juca e eis-nos *thesa-ris* como o Mitea.

—O que queris? pergunta-nos o homem assim com uns ares de soffrer das cabeças...

—Nós, senhor... sim... é que... soubenos que... sim... V. Exc. prediza de um ares-agrado, que vá até a eterna murada e... prestavam-nos para isso, se tanto fosse de visso agrado.

—Senhor, fômat o homem, voce é meu inimigo e ligadit nas a estas emergencias não se alhão bagatellas; accede á euergia, que centenas de pessoas tem rogado, pois, além da paga, que tiver, gazará de minha auizão. Como lhe disse, centenas de pessoas tem rezando a emprega. Por ultimo fallei a um carrea e este deu-me uma desculpa de papa-terra, foi mesmo uma do cabo de esquadra.

—Mas o, que vas disse esse homem, Eam? perguntamos nós.

—Ora o que me disse elle! Disse-me uma ascuria, que só a bafada se poderia levar. O homem não podia já ir, porque, sendo carrea, S. Pedro era muito capaz de julgar, que elle sabia de cabeça para baixo...

Continuamos a nossa conversação e chegamos finalmente a um resultado satisfatorio. Nos encaregamos da empresa, mediante a salvação da nossa alma, que já se achava perdidinha.

Por ultimo disse-nos o nosso respeitavel dialogante: Partir já e já é conveniente; portanto: Adeus: um pô lá e outro cá...

Não vamos descrever a nossa jornada tin-tin por tin-tin, não. Seria enfadonho e cremos que os redactores do *Pensador* não estarão pelos autos de consentir, que semelhante cataplasma fosse inserida em seu jornal.

Apenas temos a dizer, que o nosso guia era o Pureza e chegamos a Mousão Eterna no meu-dia em ponto.

O traquinio do S. Pedro achava-se em sua posição infallivel, umido de suas queridas chaves e logo apertados largamos-lhe pelos euidos um delicado *fiat*. Com a delicadeza inherente á um sauto bem traquejado nos costumes da corte celeste, elle fez com que as portas fossem abertas de par em par; logo que apresentamos o passaporte completamente rubricado pelo nosso bom Mitrado. Percorremos os primeiros aposentos, que pouca tem de curiosos.

A pagelaça está lá para o fundo, em uma coisa assim como um tribunal, onde se achão os grandes da terra, creadas de gente de toda casta e idades; emigrada do mundo conhecido por aquelle meio infallivel, que molestericamente se chama *later a leges*.

Quando chegamos n'essa sala, em como melhor nome tenha, fomos encontrados por um sujeito velho e barbado, com uma cara de pontos amigos, que de subito nos pergunta: quem vem lá?

Dar-se-lia o caso d'aquella gente se não bocca, que não aliuisse, desde logo com o nosso fim? eis a interrogação que fizemos a nós mesmos; já um tanto mal feitos do corpo.

Seu Pureza, tal como nós, principião tambem a perder as estribeiras e assim é, que o ouvimos proanunciar as seguintes palavras, um tanto entre dentes: *ham essa cá me fica!*

Secundou-se a voz, agora mais vibrante e nós guiando-nos pelos costumes terremos dissemos ao Pureza, que applicasse um *de paz*.

O nosso companheiro ou por pouco affeito ás lides militares, ou por que não comprehendesse o espirito santo de mo-lho, ou, enfim, por crassa ignorancia, substituiu o nosso dito por uma formulação *—az de espaldas*.

O homem da falla, ao ouvir taes cousas, tomou nossa frente e com maneiras um tanto bruscas e voz de kempy diz ao Pureza: homem de uma figa, ignoras talvez, que n'este recinto não se falla em cartas ou cousas semelhantes? *és fô-la?* pois se o és granarás um pauco o chifindro, antes de partir: por que nós aqui não lo queremos...

Estamos no ebo, extra-vicios, portanto meia volta direita volver para a *chibit*, depois do que *in vento cecorum*.

—Ea mesmo, lá dizer o Pureza, não vira para ficar, mas é que...

—Nada de palavras, signa, borna o sujeito e seu Pureza seguiu, sendo logo traucado na *chibit* celeste.

No intuito, talvez de solver um ar mais puro, seu Pureza encaston o nariz por entre as grades da prisão. Nos encaregamos-nos em pi, de frente da prisão, a contempelar o pobre homem e ao mesmo tempo admirar o não bnuar d'aquella tanta gente.

Tanteu ipu in celestibus omnia? Não nos podemos supportar; dissemos ao commandante; como então o nosso *ceceus* está traucallado, qual passarinho triguedo.

—Responde o Pureza: deixem-me ao menos espantare e principião a entour aquelle cantarela antiquissima:

Passarinho triguedo
Põe-te na rama
.....
.....

Oh! exclama o passarinho observando um outro aposento juncto ao seu: porem

de aspecto diverso. Era o asylo das onze mil virgens!

Estava o Pureza nos seus elementos. Lange da cara consorte, livre estava do pão de vassoura. Fora do alcance da justiça terrena, não o estava, contudo, da Divina Justiça.

A noticia correu por todo o ceu e logo vierão soltar o Pureza da prisão em que jazia, com a condição de partir immediatamente.

Solto o Pureza com quem se havia de encontrar? com o pai Adão! que dois!

—Diz o Pureza: como então, seu Adão de uma figa, voce já não anda, assim a frescata? e ia continuar a chataca; quando somos surprehendidos pelo anjo Gabriel, que nos dá o mandado de despejo acompanhado das seguintes palavras:

Firão expulsos da corte celeste por incapazes de aqui permanecerem os filhos de Cain—Pureza e X. Y. Z., este por escrever em um jornal *ante-catholico* aquelle por proferir fazer no ceu o mesmo, que praticára na terra...

—Não é tanto assim, diz o Pureza com uma presença de espirito nunca vista; o nosso fim aqui é muito outro. Se cá viemos, foi para entregar, a quem quer que seja, este papel remettilho pelo mi dig-o D. Antonio do Maranhão.

—Oh! exclamarão todos.

—Oh! repete o Pureza; e para vos capacitardes da verdade de minhas palavras, peço que seja lida em voz alta a missão de que fomos incumbidos.

El-a: Santo Senhor.

O abaixo assignado onsa pedir-vos tres graças:

1.ª A condemnacão de todos os Pensadores e da parte do povo, que os occupados, ás caldeiras do implacavel Botelho.

2.ª A salvacão eterna das bellas irmãs do Coração e do povo, que segue as doutrinas do abaixo assignado.

3.ª Que caia pela segunda vez a cimalha da loja Vera-Cruz; bem assim, que se desmoccem as obras feitas na Estrelha do Oriente, entre os hereses.

E. B. M.^o

Antonio, o Paspallião.

—Quando nos retiramos, bradamos alto e bom som assim seja e nós que o vejamos; porque, em verdade, já estamos um pouco civilizados.

Contentes descemos á terra e cá estamos se bem que não livresmos o gosto de trazer a soluçào do pedido, do que fomos encarregados.

Agora não morreremos sem dizer: já fomos ao alto...

20—8—81.

X. Y. Z.

ECHOS DA RUA.

O *passaguin clerical* não disse uma palavra respeito á correspondencia do Sr. Dorotheu Manoel Pinto, que repellio o subtergo do irmão do padre Mourão!

—E' natural, porque por traz do infeliz de quem queriam fazer *testa de ferro* está pessoa a quem o Mourão teme e respeita...

O ultimo numero do *passaguin clerical* vem unido como uma lufa! Nem um insulto, nem uma injuria, nem mesmo accioidadas! Apenas umas burradas do Papa condemnado *gibela*.

—Podera, já não tem *testa de ferro* e os *Ozarias* estão escarmentadas...

Em consequencia do aviso de Alinzo Azevedo, expouido á venda um dos seus *manequins*, houve contenda entre o Zé Coxo e o Rezende, que queriam por força comprar o animal.

—Para evitar desgostos resolvemos não vendê-lo e sim alingal-o para a carroça do Joca.

Seguiu para a Corte no ultimo vapor nosso estimavel chronista Alinzo Azevedo, que durante um anno zarzou com muito espirito, mas sem piedade essa ra-

lla de maltrapillos, terror da gente honrada.

—Se grande é o vacuo que deixou no Pressanon, maior são as saudades de seus velhos companheiros.

Quando saiu o *marreco* do Pará não houve guarda de honra, naturalmente porque ignoravam, mas em compensação estavam eufelhorados na rampa mais do viate burros das carroças, que mudavam a casa Almeida Junior.

—E' isso de dizer-se—A tout seigneur tout honneur.

A grande comitiva que foi ao bota-fôra e bota-dentro do bispo do Pará compunha-se dos seguintes personagens: Pessoal das Merez—Obrigatorio. Dito de Santo Antonio—Idem. Dr. Agua benta—Beafão. O *caféno Tóto*—Especulador. O capitão Bristol Faria—Idem. O Vigario do Pirucana—Papa jantares. Total: empregados espoletas & C.^o

Diz a *Cielisa-o-cão* no seu ultimo numero, como uma grande novidade, que quando o bispo do Pará veio do bordo o baluarte fez pum. Que, quando para lá voltou o Baluarte fez pum. E quando D. Gerôba regressou o Baluarte fez pum.

—Com certeza que não ha-de ser só essa vez que façam pum quando elle passa

A *chefa da pagelaça*, por occasião do enterro de uma respeitavel Senhora, esquecendo a occasião e o lugar, procurou questões com outra que alli se achava, e que reprova as *sautes* maroteiras. Declarando então que sem o seu voto, pra *coiza* ninguém entrava.

Agora que já sabemos quem vende os ingressos, estamos aqui, estamos no *coração*.

A ordem do Ministerio mandando o padre mestre da Fonseca largar a mimo do batalhão, coincido com o anniversario da publicidade do *PENSADOR*.

—O governo não podia brindar melhor o nosso querido anniversario. Hurrah!

Mundo Fonseca, moleque gaato da *Cielisa-o-cão*, criticando o Mulato d'Aluizio Azevedo, cita como de Lafontaine este verso de Boileau—*Un sot trouve toujours un plus sot qui l'admire*, obrigando *Zolo* a criticar na *Pucotilha* que mandassem ao *pedir* um calabresto.

—Não só calabresto, como brida e cabeção, pois o quadrupede apézar de magro, é queixado.

Quando o bispo do Pará passou pelo Lugar americano *William Wilson*, que achava de fundear na nosso porto, este que ia arriando a bandeira, deixou-a a meio pau por uma d'essas coincidencias inexplicaveas.

—Eis aqui um facto que não sabe fazer bem como aquellos pms do que tanto gosta a *Cielisa-o-cão*.

Quando João Gadelho contava ao bispo do Pará suas grandes façanhas, mostrou-lhe todo ufano trinta e tantas ferraduras, gastas, dizia elle, na redacção do *passaguin*.

—Sofa! diz seu *Tanico*, bem me dizia a *Julia perambulacana* que voce era um bruto.

Movimento dos templos, Santo Antonio na Sexta-feira ultima:

Table with 2 columns: Item and Amount. Rows include: Beatas do baixo vulgo (13), Ditas da sauta *popperina* (8), Thesourreira a balão (1), Zeladoura emico (1), Grande chefe dos pages (1), Seu cacelinho cor de vinho (1), Sua pucara de barro (1), Sua negraha *plão* (1), Curiosos diversos (11).

N. B.: Seu Pureza não tem ido porque anda foragido. Socor *Pompador*.

CRONICA.

Quem passasse no dia 7. do corrente, logo ao amanhecer, pelo largo de Santo Antonio, e tivesse a curiosidade de lançar um olhar para o cimo das negras torres da igreja, ficaria admirado da attenção, do cuidado com que, naquellas horas, alguns vultos de batina, empunhando immensos ocullos de alcance pareciam de uma delles fazer alguma importante observação tendente a detahada desobstrucção do nosso acrotadoro.

Essim durante a manhã, até ás 9 e meia horas, continuaram os vultos e os ocullos movendo-se em todos os sentidos. Logo a primeira vista reconhecia-se a figura esguia, cyprestal do padre Fonseca, que não contente com a sua altura e a da torre empoleirava-se n'uma especie de trepeca bastante elevada. O bom do padre não tinha um momento de descanso. O immenso ocullo, verdadeiro telescópio, por de mais pesado para a sua fraqueza e gasta compliação era assediada com um frenesi indisciplinavel. O suor corria-lhe em pesadas gotas e por vezes os companheiros ficavam de pé com medo de alguma fôrça. O conego Castro não mostrava-se menos esforçado; empunhando um carunchoso binoculo, o primeiro que teve o seminario, atordado pelo sol, sorvia pitada sobre pitada como se quizesse formar n'as lussas um novo Andes de rapé. Quem conservava uma calma admiravel era o Mourão; limitava-se a fazer suas observações por um binoculo de theatro, e a saltar alguma pilleria abusiva aos suores do Fonseca.

—Nada, dizia elle de vez em quando, piscando um ollo para algum dos collegas; ainda não vai desta vez...

O Usorio, Baptista, Miranda, posto-que quizessem affectar certa indifferença, não pareciam menos interessados na grande descoberta. Os longos tubos de que estavam armados, o sol a crear-lhes as sensíveis e perfumadas c'rias, o afim com que observavam o mar, eram provas de que aproveitados nas lições de hypocrisia, procuravam enganar os proprios mestres.

Quem porem tivesse a felicidade de galgar as tortuosas escadas do improviso observatorio, daria sem duvida uma forte gargalhada ao ver a figura do patuseo Mira-sol agachado a um canto mais vermelho que um carangueijo e a labrar como um boi velho. O pobre padre, a quem a sorte inutilizou para qualquer observação, que não seja a do sol, tinha a seu lado como instrumento inutil o seu ocullo de alcance. Como a ultima mulher do Barba-sul limitava-se a perguntar a cada momento se nada apparecia ao longe.

O Mourão, sempre travesso, pregava de vez em quando uma peça nos amigos.

—La va, dizia elle, fingido observar com attenção algum ponto.

Os ocullos eram logo assediados com uma avidéz diabólica e a derrocção recebida com uma raiva infernal.

O Fonseca o angelico Fonseca cujo bocejo as iras do *mirasol* comparavam a um bofio de roza de Jericó, não pôde conter-se uma das vezes e proeou usando da expressão cambriana.

Quasi ás 10 horas um grito mmmm, um urrah! como nunca ouvido-se no mais alegre festim, escapou daquelles peitos e repercutiu em toda a redondeza.

Os padres tripudiavam de contentamento. O padre Fonseca a quem os pezares e os prazeres em demasia fazem mal, foi acometido de um ataque historico; abraçado ao Mirasol, vergado sobre elle, com os labios colhidos nos do casto vigario, apertava-o em nervosas convulsões. O bom do Mira-sol chorava de contentamento, repellido com benevolencia as caricias do companheiro.

Que faziam os reverendos padres na manhã de 7 do corrente na torre de S. Antonio, armados de binoculos, ocullos de alcance, telescópio etc.?

Acaso, apesar da hora impropria, uas com auxilio da Divina Providencia, leram

os nossos anachoretas feito alguma descoberta importante para a sciencia astronomica?

Porque tanta impaciencia, tanta praça e depois essa alegria subito, embriagadora, capaz de matar como todas as grandes commoções?

O que tinham visto os bores dos padres com os seus instrumentos de optica? A passagem de algum planeta vadio, paudego, que se hontesse embobedado na vespera e quizesse, ainda cambaleando, lutar com o sol?

Nada, nada; a descoberta foi procurada em nada interessava a sciencia. Era toda em proveito da padresca gente.

O urrah selvagem, estridente, que chegou a fazer o velho *Mano Jacob*, guarda do chafariz de Santo Antonio espantarse e quebrar um pote, coincidia com a carreira veloz de um escaler que dirigia-se para o paquete *Esperito Santo* de vingueira para o sul. O urrah selvagem era uma *saudição* a Aluisio Azevedo que deixava saudosa a terra natal que tanto o estreou-nos como um de seus fillos mais distinctos.

Aquelle *urrah* era o alivio de um grande pesadelo: o pauco humedeado com que refrescavam a pelle os inoffensivos cendibitas; o desameo, o socego daquelles artemias fatigadas da corda bamba em que o boerado manco os fizera por tanto tempo dançar.

Si a benção do padre Fonseca tivesse alguma virtude o escaler teria virado e o embalsado moço passaria logo para o bucho de algum bispo do arce.

O mesmo azblama, a mesma impaciencia davam-se no terraco do pago episcopal.

O exm. foi quem primeiro tripudiou ao descobrir a bandeira branca, o signal que seu Toú, deslarrado em pensador, fizera arvorar na prã de seu casquinho.

—*Te Deum laudamus*, exclamou em alta voz o santo varão; lá se foi o excomungado...

—Quem o substituirá, perguntou com voz aflautada uma devota, assediada para o mar um ocullo de forma especial.

Cá estão. Fiquem porem descançados; tenham calma, afastem para longe de si o pesadelo que tanto os tem consumido.

O successor do Aluizio é um bom amigo, um bom companheiro, incapaz de os fazer voltar ao antigo trote: 1.º porque para isso falta-lhe a força que possua o Aluizio, a alegria, o bom humor, a gargalhada franca, desapiada do festepão chronista; 2.º porque foi discipulo do sr. padre Fonseca e o amigo e consuidor da tabapeira do conego Castro; 3.º porque tem uma prima, uma endiabrada morena que está apaixonada pelos olhinhos do revl. Mira-sol e uma tia, nãtrona até enfião de uma seriedade respeitavel mas que ao ultimo quartel da vida, sentio abrir-se-lhe o cotacao e nelle entrar indistinto o *fermoso* sr. conego Miranda; 4.º finalmente, porque é grande admirador das virtudes do humilhado sr. Puzera e não menos da eloquencia e illustração do prechiro pastor deste rebanho.

Parce-me pois ser bem fundada a alegria e que até podem d'ora em diante contar com um lugar neste cantinho destinado para chronica, para defesa dos desafios de que forem victimas no resto do jornal.

Estão satisfeitos?

Pois enfião vimo-se, pulera, tomem uma carrega que o Aluizio já vai longe. No proximo numero da *pandeira* presenciará-lhe uma valente descompostura, algumas columnas-inhas indoffensivas que en até os ajudarei. O rapaz vai longe, não nos chega com a ponta da vergasta.

O autor desculpára o novo chronista em não tel-o logo compimentado. Evidê, mal ou bem, o primeiro a igreja tomar agoa benta.

Estarei desculpado?

—Arrou no dia 7 do corrente para o Rio de Janeiro o nosso amigo o companheiro de propaganda Aluisio Azevedo. Deixa este pobre moço um vacuo difficil

de preencher na imprensa desta provincia que tem motivo para orgulhar-se de ser o berço de tão robusto talento.

O Maranhão parecia mergulhado no mais estúpido indifferetismo, parecia surdo ao movimento que se operava em outras provincias e de repente desperta.

As veias do pobre lymphatico enchentes de sangue, as arterias tem vida, a seiva volta a esta pobre planta que começa a agitar-se, recordar, florir.

Quem foi o medico desta desvalida enferma, o jardineiro deste secco arlindo?

A modoleza, uma meia duzia de rapazes, o rapazão como chama-lhe a civilização, em cujo seio estavam Aluisio Azevedo e João Alfonso!

O destino permitiu que se compraz em pezar sobre nós arrancou-nos para longe estes dois lutadores. Temos porem a consolidação da certeza de que em qualquer parte onde a sorte os aitare—trabalharão pelo progresso no vosso Maranhão.

Eis pois o motivo porque d'ora em diante a leitor fará um gesto de cuidado ao correr as lindas desta *chronica* viva da degra, das gargalhadas francas, honricas que 3 vezes por mez vos fazem dar o saudoso chronista.

E com acatamento que vou tratar da *Civilização*.

O ultimo numero que tenho diante de mim é de 3 do corrente. Vem entalhada com a encyclica de Leão XIII e uma carta de Bento XIV ao arcebispo de Cuba sobre o direito canonico applicado a cultura da cana. Falta-me força de vontade para digerir estas duas formidaveis empadas.

Um artigo em que o sr. dr. Mattos Pereira, a proposito de seu programma, é atorçado e zuzido ao mesmo tempo.

Como todos sabem, quer o illustre candidato, que se confessa catholico sincero, a separação da igreja. A incoherencia porem da soloma, que em tudo é manifestada, apparece logo.

Não ha dia em que os hypocritas não lamentem a supjeição da igreja, o atropello, a perseguicção, a *misericórdia* que o governo faz pesar sobre o altar. Nestas occasões são solidões; depois da lauria vem a alizez; não são empregados publicos; nada devem ao estado, não precisam do governo para nada; só vivem da Divina Providencia e obedecem ao summo paje do Vaticano.

Quando porem um candidato a representação nacional convieto de que são renes as lamentações, a terrivel agonia da pobre perseguida, quer libertada das garras do *pejido*, quer quebrado os grilhões, quer tomada livre, independente do dominio maconica, ouvem-se os mesmos gritos: as mesmas lamentações; já a igreja não pode viver sem o estado sem o auxilio do maconismo. Até allora o estado que perseguiu a igreja, a ella, combatida, chorava, estorça-se, agora, quando algum trata da sua clara liberdade, chora, lamenta-se porque si tal succeder é uma desgraça para o seu persiguidor o estado, que será esphacelado pela idea moderna, pela revolução social que agita o mundo?

E o papel triste e vergonhoso da rageira, da barrégia que com as faces rosas de bofetada e ponta-pes vai a pedir queixas-se do seu bocejo e depois é a primeira a envolver por ella com pena de que o pobre diabo morra de fome na prisão.

Quanto a mim, o programma do illustre advogado é um dos mais bonitos e bem intencionados que temos lido e sem duvida veio organizar mais uma boa dezena de votos.

Somos amigos de todas as liberdades. Desejamos ver o *peca velho* passar o vremenito com a sua sua *condado*, *quebra branga* e o *trepo-nolepo* ou *fartaga*.

Traz mais a *Civilização* um *documentado* á historia com relação a noite de S. Bartholomeu. Não ha um só facto criminoso praticado pela igreja, quer antigo, quer contemporaneo, que não seja falso, filio do odio de seus inimigos. A igreja, se

gundo os *argumentos* da *Civilização*, foi albeia completamente a carnificina feita nos protestantes na noite de 24 de agosto de 1572 como si não existissem ainda as provas mais terríveis contra o clero catholico, contra Roma, como si não existissem as medallas mandadas cunhar pelo infame assassino Gregorio XIII para commemorar esse triumpho da igreja!

Não será pois para admirar que a *Civilização* qualquer dia nos prove que o cura Santa Cruz é um martyr, uma innocente victimia dos inimigos da igreja, e que mais tarde a santo assassino, incendiario e ladrão seja venerado em qualquer cathedra!

Por *veas* e *meas*. Também não pude entrar nesta *listinha* de *parasitas*. Só vi que o padre Fonseca sem o menor respeito para com o set superior, o sr. dr. Mourão, falla nas *caprichos* do *medico*. O noticiario trata da passagem do bispo do Pará por este capital.

A *parabola* não teve juizo quando lembrou-se de noticiar *ho grande acontecimento*, pois comportahi que o *poro molecorio* não por esta occasião uma lição de mestre ao sr. dom Alvarenga, presando por sem fazer casa para ir beijar o anel do bispo do Pará, que ri-se as occultas do estrago que no seu pobre collega tem feito o *chabern morbo* que remeticio-lhe.

Basta de *Civilização*.

Finalmente está a Fonseca convencido de que não pode namar em duas letas. Apesar de não ter a barriga preza ao quartel, namo se tem custado a desprender.

Consta-nos que o sr. conego Mourão que metteo o pobre padre Ozorio em camiza de onze varas, está vendo *se faz* o mesmo com o Fonseca, acousellando-o á residencia. Isto não é de amigo; abra os olhos padre Fonseca, descobre do collega, pecca demais quanto antes.

Por falta de tempo sou obrigado a terminar. Imagino a avidéz com que os amigos de Santo Antonio procuram saber quem substituirá o Aluizio e tambem por isso, apresso-me em entregar-lhes o meu cartão.

Urbanus Urbanus

EXPEDIENTE.

Além dos jornaes com que já permantamos lemos recebido mais os seguintes: «Gazeta da Victoria», (Espirito-Santo); «Jornal do Commercio», (Carão); «Marseillaise», (Aracaju—Sergipe); O «Liberal», (Rio de Janeiro); «O Liberal Acadêmico», (S. Paulo); «Gazeta de Uberlândia», (Minas-Geraes); «Revista da Sociedade Acadêmica Dons. Cláudio e Caridade», (Córtes); «A Voz do Povo», (Cado); «Brazil Catholico», (Córtes); «Agricultor Progressista», (Córtes); «O Carismoso», (Córtes); «Despertador», (Parahyba do Norte); «Diario de Belém», importantissimo jornal que se publica na capital do Pará; «O Liberal», (Córtes); «Diario do Brazil», (Córtes); «Tribuna Paraguenza», (Córtes); e o «Caixeteiro», (Pará).

As illustradas *releções* agradecemos e em troca enviamos-lhes o nosso humilde periodico.

Recebemos mais:

Um folheto intitulado: «Caderão de La Baza. Conferencia fida na sessão Sociologica da Sociedade Positivista do Rio de Janeiro» pelo distincto e illustrado dr. Teixeira de Souza.

«Discursos Parlamentares», proferidos pelo illustrado e eloquente orador dr. José Joaquim Tavares Belfort.

Agradecemos, e para o numero seguinte expenderemos o nosso juizo a respeito de tão importantes trabalhos.

Maranhão.—Typ. de Friss & Filho. Imp. par Antonio J. de Barros Lima.